



## Crônica da Cidade

por **Conceição Freitas** >> conceicao@freitas.df@dabr.com.br

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

www.dzai.com.br/blog/blogdaconceicao

### Cabra marcado para viver

Quando Severino Francisco me disse que havia feito um perfil do Vladimir Carvalho pelos 80 anos do adorável documentarista (com toda a licença de dona Lucília, mas não há nenhum exagero no adjetivo, embora a qualificação se reduza à empatia pessoal do paraibano-brasiliense)... Pois, quando soube que sairia um texto sobre Vladimir, saquei de

pronto o título: Cabra marcado para viver. As tripas do Severino se contorciam de inveja, mas a página já estava impressa (foi publicada na edição de sábado último deste *Correio*). Vivamente recomendado para quem gosta de Brasília, de cinema, de Brasil e de textos com qualidade muito acima da média).

Mas o título à altura do texto só apareceu mais tarde, e me senti toda prosa, embora a prosa desta crônica de volta das férias seja dedicada à vida e ao "Rosselini do sertão, Vertov das caatingas Flaherty de Euclides da Cunha", no dizer de Glauber Rocha. Corri para saber quem foi Vertov e Flaherty — texto bom é assim, deixa a gente com cara de burra. Dziga Vertov (1896/1954), para quem não sabe, foi um documentarista russo que filmou o coti-

diano das cidades de seu país, principalmente Moscou, com lucidez e poesia. Como Vertov, o norte-americano Robert Joseph Flaherty (1884/1951) é considerado o pai do cinema documental.

Vladimir Carvalho fez 80 anos? Inacreditável. Essa cidade teve o dom de reunir forças da natureza em formato humano. Aos 80, Lucio Costa estava pleno de vitalidade. Oscar? Fisicamente flamejante, embora já não mais projetasse obras com a qualidade das décadas imediatamente anteriores. Juscelino morreu aos 74, e, mesmo acuado pela perseguição dos anos de chumbos, ainda era um namorador e um articulador político cheio de planos. Antes de ser internado com pneumonia, Ernesto Silva bamboleava pela cidade com a soberania de

seus 93 anos. Glênio Bianchetti e Lelé morreram na casa dos 80. Athos Bulcão, aos 90. Glauro Campelo, Jaime Zettel, Sergio Porto, Sabino Barroso, Atahualpa Schmitz estão vivíssimos. Não fosse aquela árvore amazônica, Bernardo Sayão bem poderia estar desbravando geografias distantes.

Claro que a longevidade dos cabras acima citados é só uma feliz circunstância, mas é irresistível a gente imaginar que o feroz desejo de inventar e reinventar uma cidade (no chão da terra ou na fluidez das imagens) foi/é um energético poderoso, um elixir da eterna juventude, segundo o clichê dos velhos tempos. Ou, sob outra perspectiva, a vida gosta de quem gosta de renascer. Nasce e renasce e novamente nasce quem se recusa a

deixar como está pra ver como é que fica.

Quatro ou cinco anos atrás, numa entrevista com o cabra marcado para viver, na sua casa da W3 Sul, me interessei por textos de Paulo Emílio Sales Gomes sobre Brasília. Estavam num livro esgotado. Sem que eu pedisse, Vladimir se dispôs a tirar fotocópias das páginas que me interessavam. Chovia e eu disse a ele que deixasse para outro dia. Saí andando até o lugar onde o carro do jornal me pegaria. Quando surgiu o conterrâneo velho de guerra, correndo, molhado, com as cópias dos artigos.

Vladimir faz parte de uma espécie rara, a dos que têm no próprio desejo, uma ordem. Não o desejo do hedonista, um vulgarizador do desejo, mas o desejo afirmativo, inventivo, propositivo, que amplia os limites da condição humana.

### HISTÓRIA CANDANGA

Para selecionar os protagonistas e os coadjuvantes do novo longa de René Sampaio, que terá Brasília como estrela, serão feitos testes em São Paulo, no Rio de Janeiro e na capital. Diretor deve rodar um filme em Hollywood, mas garante que a saga do casal é prioridade

# À procura de Eduardo e Mônica

» RENATO ALVES

Escrita por Renato Russo em 1982, quando ele era O Trovador Solitário, *Eduardo e Mônica* se tornou um dos maiores sucessos da Legião Urbana. Lançada em 1986 por meio do disco *Dois* da banda brasiliense, a história cantada em verso é inspirada em amigos do criador. Ela conta a saga de um casal morador do Distrito Federal com inúmeras diferenças, da idade às preferências e hobbies, e que, mesmo assim, conseguiu viver uma história de amor com final feliz. Esse enredo vai ganhar as telas de todo o país em 2016 — 30 anos após o seu lançamento. E, para dar vida aos protagonistas e coadjuvantes da trama, atores profissionais e amadores vão ser selecionados em testes a serem realizados na capital do país, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Ainda não há atores cotados para o elenco, mas o roteiro já está sendo escrito por um dos grandes nomes do cinema brasileiro: o paulistano **Luiz Bolognesi**, 49 anos. E ele e o diretor do longa-metragem, o brasiliense René Sampaio, 41 anos, pretendem concluir em março a primeira versão da história adaptada. "Aí sim, teremos a cara dos personagens e poderemos fazer os testes. Temos um nome de peso, mas não há nada definido. Queremos mesclar artistas conhecidos com novatos, como fizemos em *Faroeste caboclo*", explica Sampaio. Ele e Bolognesi passaram a semana passada em Brasília, discutindo o roteiro e visitando alguns possíveis pontos de locação, como o Parque da Cidade e a Água Mineral.

Nascido e criado na capital federal, René havia completado 12 anos em 1986, quando a Legião lançou *Dois*. Morando no Plano Piloto, ele testemunhou o fenômeno do movimento Rock Brasília. Aprendendo os primeiros acordes,

#### Roteirista de peso

Bolognesi, que chegou a estudar ciências sociais e antropologia, escreveu os roteiros das ficções *Bicho de sete cabeças* (2001), *Querô* (2007), *Chega de saudade* (2008) e *As melhores coisas do mundo* (2010), e registrou, com Laís Bodanzky, no documentário *Cine Mambembe, o Cinema descobre o Brasil* (1999), viagens pelo Brasil realizadas com o intuito de exibir curtas-metragens brasileiros em praças públicas de cidades do interior

tocava os sucessos da Legião no violão. Desde então, alimentou o sonho de levar algumas das músicas de Renato Russo às telas. Estudou comunicação social na UnB e, já como um respeitado diretor de comerciais para a tevê e diretor de curtas-metragens, filmou *Faroeste caboclo*, em 2012. O seu primeiro longa ganhou os cinemas do país no ano seguinte, atraindo 1,5 milhão de espectadores e faturando prêmios dentro e fora do Brasil.

#### Hollywood

Apesar da expectativa em torno de *Eduardo e Mônica*, esse pode não ser o próximo trabalho de René Sampaio como diretor de um longa-metragem. Graças à boa repercussão de *Faroeste* em festivais internacionais, ele tem negociado com investidores estrangeiros e pode comandar uma obra internacional antes. Ontem, estava em Los Angeles (EUA) discutindo propostas de produtores de Hollywood. Ele analisa três roteiros a serem rodados na capital mundial do cinema. No entanto, garante, a prioridade é *Eduardo e Mônica*. "Não posso falar muito dessas propostas de Hollywood. Mas, provavelmente, *Eduardo e Mônica* será o meu próximo filme", afirmou o diretor.

Assim como *Faroeste*, a obra cinematográfica sobre o casal fa-

Breno Fortes/CB/D.A Press



O Parque da Cidade, onde Eduardo e Mônica têm o primeiro encontro, é cenário certo para o longa: azulejos de Athos Bulcão encantam René Sampaio

moso da música brasileira será um filme de época. Mas, enquanto o primeiro filme lembrou a Brasília do fim dos anos 1970, o segundo tem 1986 como ponto de partida. "É o ano do governo Sarney, do Plano Cruzado, do badernaço na Rodoviária do Plano Piloto. Alguns desses momentos podem ser retratados no longa", adianta Luiz Bolognesi. Ao menos no quesito investimento, *Eduardo e Mônica* deve superar *Faroeste caboclo*. A trama romântica está orçada em R\$ 11,1 milhões, enquanto *Faroeste* custou R\$ 10 milhões. Do total para o novo longa, R\$ 3 milhões estão garantidos por meio do Fundo de

Apoio à Cultura (FAC) do GDF.

Se tudo correr como o planejado por René Sampaio e pela equipe dele, a mesma de *Faroeste*, *Eduardo e Mônica* será filmado em Brasília de setembro a novembro. "Todo mundo, quando pensa em rodar um filme na cidade, lembra da seca, por causa da luz, belíssima. Mas, desta vez, quero filmar na chuva também, para retratar uma Brasília pouco conhecida lá fora", conta Sampaio. Morando entre a capital, o Rio de Janeiro, São Paulo e os EUA, ele pretende passar o segundo semestre inteiro na terra natal, acompanhando a pré-produção e preparando o campo para as locações.

#### »» Para saber mais

### Sucesso desde o lançamento

Composta por Renato Russo e lançada em 1986, no álbum *Dois*, da Legião Urbana, Eduardo e Mônica narra, em quase cinco minutos, a história de amor de duas pessoas muito diferentes. A música inspirou uma peça teatral de Adolar Gangorra, na qual o autor, em uma montagem cômica, retrata Eduardo como uma vítima de "uma cultura pop de caderno cultural de jornais, que Mônica lhe

obriga a seguir". Em 2001, fragmentos da canção foram usados em uma campanha publicitária. Em 7 de junho de 2011, ela ganhou um pequeno videoclipe em outra peça publicitária. O vídeo, lançado no YouTube às vésperas do Dia dos Namorados, é uma homenagem à data e tem Eduardo e Mônica como trilha sonora. Em pouco mais de dois dias, a peça ultrapassou 2 milhões de visualizações.

#### »» Missa homenageia Campos da Paz

Amigos, familiares, colegas de trabalho, pacientes e autoridades ocuparam a Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida, na noite de ontem, para a missa em memória do fundador da Rede Sarah, Aloisio Campos da Paz. A celebração começou às 19h e foi presidida pelo arcebispo de Brasília, dom Sérgio da Rocha. A solenidade homenageou a memória, a vida e a obra do primeiro médico-ortopedista de Brasília. Além da viúva, dos três filhos e dos quatro netos, estavam na celebração a presidente da rede, Lúcia Willadino Braga; o senador Cristovam Buarque (PDT-DF); políticos do Executivo federal; funcionários do hospital e pessoas com necessidades especiais tratadas pelo médico. "Que

Deus dê a recompensa através de todo o bem que ele fez. Dr. Aloisio Campos sempre defendeu a saúde e tinha atenção à pessoa com doença. Estamos aqui para saudar a vida e a obra dele, principalmente por tudo o que viveu e fez de bem nesse mundo", destacou o arcebispo.

Campos da Paz morreu na tarde de 25 de janeiro, aos 80 anos, por insuficiência respiratória. Ele estava com a saúde fragilizada e teve um mal-estar respiratório agudo enquanto trabalhava na unidade Centro da rede de reabilitação, na Asa Sul. O velório ocorreu no hall do hospital durante toda a manhã do dia seguinte. Uma fila de profissionais se formou para a despedida.

Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press

